

Ser Pai nos dias de hoje

• Considera que os pais de hoje são diferentes dos de antigamente? Porquê?

Os pais de hoje são diferentes dos de antigamente em diversos aspectos mas também são muito semelhantes no essencial: ser pai, ter filho(s).

Ser pai e ser mãe é muito mais do que exercer uma função ou desempenhar um papel - é uma experiência existencial única. Para muitos, a experiência existencial mais profunda da sua vida. E, portanto, na sua essência, ser pai - hoje ou antigamente - é semelhante. Mas será muito diferente na forma como se pode ser pai. Partindo da relação biológica e jurídica que existe entre pai e filho(a), pode ser-se pai de formas muito diferentes, e isto de acordo com o sentido, o significado que se dá a essa experiência única.

Para ser pai, é necessário haver mãe mas, evidentemente, pai e mãe não se substituem um ao outro. Um não tira o lugar e a importância do outro. Pai e mãe têm formas diferentes de exercer a parentalidade, as quais se complementam. Como afirma Matlary (1999/2002) *“Ser mãe é muito mais do que a marcante experiência física de dar à luz e amamentar uma criança - é a chave da tomada de consciência existencial daquilo que somos. Da mesma forma, a paternidade sintetiza o masculino, e existe realmente uma complementaridade dos sexos, sem que com isto pretenda afirmar que os papéis de cada um dos sexos são rigidamente definidos pela natureza”* (p. 21). Passada a idade da amamentação, os pais conseguem fazer quase tudo o que é necessário tão bem como as mães e amadurecem muito, quando assumem responsabilidades práticas em relação às crianças. Dessa fase de envolvimento na infância dos filhos ao acompanhamento durante todos o ciclo de vida familiar - na adolescência, juventude e idade adulta dos filhos - os laços vão-se construindo num equilíbrio inter-geracional de afectos e de responsabilidades.

Lamb (2000) distinguiu três grandes dimensões da paternidade que nos ajudam a compreender como os pais de hoje são diferentes dos de antigamente: a primeira, relativa às preocupações sobre a ausência do pai; a segunda, centrada nas interações directas entre pais e filhos em termos da prestação de cuidados, disciplina, educação, companheirismo, brincadeira e supervisão (linha partilhada sobretudo por psicólogos do desenvolvimento); e a última, dirigida para a relação entre o pai e a mãe, que constitui um dos principais determinantes da paternidade e que afecta o desenvolvimento dos filhos.

É comum, hoje em dia, vermos (e não deixa de ser comovente), pais a passear os bebés no parque, pais a fazer compras de supermercado acompanhados dos filhos, pais a irem como os filhos a consultas médicas e de psicologia, pais a irem às reuniões na escola, pais a acompanharem as actividades de tempos livres e lazer dos filhos, pais a lutarem pelo seu lugar na vida dos filhos, pais a serem confidentes dos filhos, pais a serem o porto seguro dos seus filhos.

• Acredita que os pais de hoje são mais presentes na educação dos filhos?

Sim, de um modo geral, os pais estão mais presentes na educação dos filhos; mas não é só questão de acreditar, constata-se diariamente e também já está estudado.

Na literatura, a paternidade engloba, geralmente, dois aspectos diferentes: a presença/ausência do pai (“father’s presence status”) e o envolvimento paterno (“father’s involvement”) (Flouri, 2005). De forma mais específica, Gadsden, Fagan, Ray e Davis (2004) referem seis indicadores de paternidade: a presença do pai (o seu comprometimento, disponibilidade e responsabilidade em relação à criança), o cuidado (prover os cuidados relacionados com a alimentação/protecção e providenciar tarefas que promovam na criança uma rotina, contribuindo para o seu bem-estar emocional, saúde física e aparência adequada), a competência social da criança e o seu sucesso escolar, e a existência de uma parentalidade cooperativa (relação interdependente, cooperante e de apoio habitualmente com a mãe), o estilo de vida saudável do pai (desenvolver um modelo paterno que promova um estilo de vida saudável e comportamentos sociais apropriados que permitam a assimilação das normas sociais, do trabalho e da ética pessoal), a resposta às necessidades material e financeira.

A importância de se crescer com o pai presente e proactivo é salientada ainda mais pelo conhecimento que vamos tendo do impacto negativo na vida dos filhos quando isso não acontece. Destaco a obra de David Popenoe (1996) intitulada “Life without Father”, em que são analisadas as consequências de se crescer sem um modelo masculino de figura parental – ou por indiferença, demissão e delegação do seu lugar e papel em terceiros, por negligência, maus tratos físicos e psicológicos em geral. Hoje são também, infelizmente, frequentes as situações de crianças e de adolescentes que crescem sem pai por causa da síndrome de alienação parental, na sequência da separação e divórcio dos pais.

• Considera que a forma como se exerce a parentalidade está diretamente relacionada com a evolução da sociedade?

Sim, considero que a evolução da sociedade tem grande influência na forma como se exerce a parentalidade. Na sequência das alterações sociais e económicas das últimas décadas, as quais tiveram tradução nos papéis sociais e de género e na entrada da mulher no mercado de trabalho, tem vindo a observar-se um maior envolvimento do pai nos cuidados/educação dos filhos e a perceber as consequências positivas deste envolvimento no desenvolvimento dos filhos e nas relações familiares. Tem sido toda uma revolução de mentalidades, ainda em marcha, sobre o que é “ser pai”.

De um modo geral, antigamente, o cuidado e a educação dos filhos era pelouro das mães. Evidentemente sempre houve excepções à regra e, portanto, pais que, por gosto ou mesmo por necessidade, se envolviam muito no cuidado e educação dos filhos, estabelecendo com eles relações de vinculação fortíssimas.

Durante muito tempo, a visão da paternidade baseada sobretudo no papel de sustento económico conduziu à negligência do significado emocional do papel de pai e às percepções de que a parentalidade era fornecida largamente pelas mães e que, pais a tempo inteiro, eram desviantes.

Esta imagem de pai surgia mais dos pressupostos gerais sobre homens e das ideologias dominantes do que de evidência empírica. Assumia-se que os homens se identificavam e desenvolviam a sua auto-estima, sobretudo, do desempenho no trabalho, como se a actividade masculina mais significativa ocorresse fora da família. O modelo do pai como o “ganha-pão” de casa, também lhe conferia a área da moralidade e da disciplina (frequentemente num estilo autoritário), mas afastado da família do ponto de vista físico, social e emocional, pela sua concentração no trabalho e nas actividades públicas.

Na mesma linha, os estudos realizados sobre famílias (e.g. conjugalidade e parentalidade) prestavam pouca atenção aos pais e maridos e baseavam-se, quase exclusivamente, em dados provenientes de mulheres e mães. Questões respeitantes à natureza e profundidade da relação pai-filho(s) não eram simplesmente colocadas.

Nas últimas duas décadas, tem surgido muita investigação sobre parentalidade, havendo indicadores fortes de um grande investimento e envolvimento dos pais na relação com os filhos que ultrapassa largamente o papel económico de sustento (e.g. Cowan & Cowan, 1991). Com efeito, a consciência da necessidade de participarem na educação dos filhos, bem como a percepção de que a paternidade responsável fazia dos homens seres mais completos, constituiu, também uma autêntica revolução nas atitudes masculinas (Firestone & Catlett, 2000).

Na sociedade, muito tem mudado no que se refere ao entendimento e compreensão do que é “tornar-se pai”, designadamente com tradução jurídica aplicada efectivamente. A título de exemplo - o facto de terem passado a existir, aquando do nascimento dos filhos, licenças de paternidade, cuja duração tem vindo a ser aumentada e efectivamente aproveitada; em situações de divórcio e consequente necessidade de regulação das responsabilidades parentais, o aumento do regime de guarda partilhada e, cada vez mais com residência alternada dos filhos com o pai e com a mãe.

• A estrutura familiar sofreu alterações. De que forma é que os novos modelos de família alteram a figura paterna?

A relação entre pai e filho(a) existirá para sempre independentemente da estrutura familiar que a sustente: nuclear intacta; monoparental; bi-nuclear, reconstituída, adoptiva.... São laços intergeracionais que perduram sempre. Mas, sem dúvida, que as novas configurações familiares convidam a um maior investimento paterno, a um maior envolvimento no desempenho das funções de pai. Observa-se nas famílias nucleares intactas – pai, mãe e filho(s) – em que se verificaram diferenças na estrutura familiar no que aos papéis sexuais diz respeito, com reflexos designadamente na conciliação família/trabalho – uma grande diferença no modo como é encarado e valorizado o papel do pai. Por vezes, os pais, em situação em que as mães não estão presentes, têm a oportunidade de educar os filhos sem a interferência destas – isto, no caso daqueles pais que gostariam mas as mães não deixam, ou então, mesmo não querendo, têm de o fazer porque estão sozinhos com os filhos e alguém tem que o fazer. É o caso dos pais sozinhos (por viuvez, por divórcio, por opção) que, apesar de não ser a situação ideal para os filhos e para o sistema familiar no seu conjunto, conseguem desenvolver relações positivas com os seus filhos que, pela primeira vez, não são mediadas pela mãe.

• Daqui a 20 anos vamos encontrar pais diferentes?

Provavelmente sim! Ser pai em 2040 vai ser diferente do que é ser pai em 2020, como o foi também em 2000 ou, mais ainda, em 1980. O modelo ecossistémico de Bronfenbrenner (1979) permite-nos fazer essa previsão.

Uma investigação de doutoramento (Antunes, Santos e Ribeiro, 2019), a decorrer no âmbito do Doutoramento Inter-Universitário (Lisboa e Coimbra) em Psicologia da Família e Intervenção Familiar evidencia que, desde finais dos anos 70, se percepcionam diferenças no papel do pai no apoio à família, e em especial nos cuidados à criança, constituindo o envolvimento paterno, no momento actual, uma dimensão fundamental a estudar. Como se pode depreender da literatura científica, a atenção ao envolvimento paterno começou por ser dedicada à quantidade de tempo que o pai passava com os filhos, sendo o apoio instrumental a competência mais destacada (sobretudo face à entrada maciça das mães no mercado de trabalho), evoluindo-se depois para o reconhecimento da importância concomitante da qualidade desse envolvimento. Actualmente, o envolvimento paterno é aceite como um conceito multidimensional e multideterminado, apresentando-se o pai como uma fonte importante de influência no desenvolvimento biopsicossocial da criança e do adolescente, com reconhecimento do seu contributo para o funcionamento dos filhos em diferentes áreas.

Dizia um amigo meu, pai, “*os filhos são o trabalho mais importante da vida de um pai. Por eles um pai é capaz de tudo: conjugar uma gincana de recolhas e largadas diárias, sair do trabalho mais cedo só para ver a peça de teatro da escola onde o filho entra como arbusto, assistir aos treinos e jogos com a emoção de um derby, chegar a casa de rastos e arranjar força e paciência para dar colo, aturar birras e distribuir mimos. (...) O Dia do Pai relembra-nos que a figura do pai é absolutamente central na nossa vida. Na ausência ou em presença, pai é pai.*”.

O investimento na investigação científica desta área é de toda a pertinência, tendo em conta os ganhos decorrentes de uma compreensão mais aprofundada do envolvimento paterno, já que os pais, através do seu papel activo no desenvolvimento dos filhos, poderão ser uma fonte de influência positiva na promoção da aquisição de competências importantes e na prevenção de problemas futuros, contribuindo, como já se referiu, para o bem-estar da criança, do adolescente e da família no seu conjunto.

Maria Teresa Ribeiro

Lisboa, 12 de Março de 2020

Antunes, N.; Santos, S.V., & Ribeiro, M.T. (2018). *Envolvimento paterno em revisão: Diferentes conceptualizações e diferentes determinantes*. UL (manuscrito não publicado).

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge: Harvard University Press.

Cowan, C., Cowan, P., Heming, G., & Miller, N. (1991). Becoming a family: Marriage, parenting and child development. In P. Cowan & M. Hetherington (Eds.), *Family transitions* (pp. 79-109). London: Lawrence Erlbaum Associates.

Flouri, E. (2005). *Fathering & child outcomes*. England: John Wiley & Sons.

Gadsden, V. L., Fagan, J., Ray, A., & Davis, J.E. (2004). Fathering indicators for practice and evaluation: The fathering indicators framework. In R. Day & M. Lamb (Eds.), *Measuring father involvement in diverse settings*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

Matlary, J. (2002). *Para um novo feminismo*. Cascais: Principia Editora.

Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & Family Review*, 29, 23-42.

Poponoe, D. (2009). *Life without Father*. Transaction Publishers.

